

ENTREVISTA / DOLORES FONZI, ATRIZ E CINEASTA

# 'Ser pessoal me faz universal'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**o longo de seus 29 anos de carreira, correspondentes a um período histórico de sucessos de bilheteria a granel e duas indicações ao Oscar para sua pátria natal, a argentina Dolores María Fonzi estabeleceu para si um status de estrela que ultrapassou as fronteiras de Buenos Aires e se fundiu a títulos de prestígio global. Há dez anos cravados, o Festival do Rio comoveu-se com sua participação em "Truman", ao lado de Ricardo Darín, Javier Cámara e o cão que dá título ao fenômeno popular do catalão Cesc Gay. Na mesma data, protagonizou o longa ganhador da Semana da Crítica de Cannes em 2015: "Paulina", de Santiago Mitre.

Esteve ainda em "Plata Quemada" (2000), "Esperando o Messias" (também de 2000), "A Aura" (2005), "O Crítico" (2013), "A Cordilheira" (2017) e "O Fio Invisível" (2021). Em 2023, estrelou e dirigiu "Blondi", que fez dela uma cineasta, pavimentando uma nova via profissional que, hoje, faz dela a atual representante de sua nação aos olhos da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood para brigar por uma estatueta dourada, com "Belén" – um ímã de lágrimas.

No dia 22, o longa concorreu à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián e saiu de lá com o prêmio de Melhor Interpretação coadjuvante, dado ao desempenho de Camila Plaate no dia 27. Também no fim de semana que passou, a produção ganhou a láurea de júri popular no Festival de Biarritz, na França.

O Brasil verá "Belén" pela primeira vez nesta sexta, no Estação NET Gávea, em sessão às 18h30. Há outras projeções no evento: segunda, 06/10, às 21h, no Estação NET Rio 4; quarta, 08/10, às 16h, no Cinesystem Belas Artes 2; e no dia 10/10, às 14h, no Reserva Cultural Niterói 2.

Sua trama se passa em Tucumán, na Argentina de 2014. Naquela data, nas raias



Rodrigo Fonseca

da Copa do Mundo, uma jovem (Camila Plaate) é internada em um hospital com fortes dores abdominais, sem saber que está grávida. Ela acorda algemada à maca e cercada por policiais. Ela é acusada de ter provocado um aborto e, após dois anos em prisão preventiva, é condenada a oito anos de prisão por homicídio qualificado devido ao vínculo familiar. Uma advogada, Soledad Deza (vívuda com ardor pela própria Dolores) lutará por sua liberdade com o apoio de milhares de mulheres e organizações, que se unirão para mudar o curso da História.

Na entrevista a seguir, concedida ao

Correio da Manhã em San Sebastián, Dolores fala do simbolismo do longa em relação à sororidade e à briga para manter a Argentina viva nas telas.

**O recorte histórico que você traz ao discutir a descriminalização do aborto se instaura em uma vertente de enorme sucesso do audiovisual, no cinema e nas séries de TV, que é a linha do thriller de tribunal. O quanto dessa tradição de filmes te inspirou?**

**Dolores Fonzi** - Eu fiz um filme de busca pela verdade, que carrega muitas ob-

servações pessoais minhas da vida, num empenho de ser inspiracional. Eu não estou trabalhando atrás de heróis. Eu estou buscando exemplos de luta, alguns reais, como o da advogada Soledad Deza, como o de todas as mulheres que se solidarizaram para mudar a realidade das leis argentinas. Eu só tentei ser o mais pessoal possível. Ser pessoal me faz universal.

**Evitar maniqueísmos parece ter sido um caminho, mas como se deu, no processo de criação dramaturgica, a concepção dos personagens centrais?**

Existia uma preocupação essencial de não apontar o dedo para os homens e acusá-los de maus, pois o que há de corrupto em cena é o sistema. Vivemos num país em que as instituições abusam do poder que têm e nos deixam na mão da Justiça, sem ação.

**Como traduzir essa opressão imageticamente?**

Nas sequências da prisão, por exemplo, a câmera estática, a fim de sugerir uma claustrofobia inerente a um mundo estático. No tribunal, a busca da dramaturgia era inspirar. Eu não acho que seja necessário ser feminista para embarcar na causa defendida no caso 'Belén' e você pode ter adesão das plateias masculinas ao que eu conto.

**Durante a coletiva de imprensa de "Belén" em San Sebastián, você disse que a produção de cinema na Argentina foi reduzida de cem filmes a um. O que mudou na prática?**

É um milagre que o Festival de San Sebastián tenha conseguido ter três longas argentinos em sua competição oficial (além de "Belén", concorriam "27 Noites" e "Las Corrientes"), pois não há dinheiro para nada, uma vez que o governo cortou os apoios todos. Filmar na Argentina hoje é impossível.

**Você roda festivais agora com um filme que foi subsidiado por uma plataforma, numa iniciativa do Amazon Studios, mas carrega um símbolo cinéfilo mítico da tela grande: o Leão da Metro. O que o felino da MGM representa?**

Quando eu vi o Leão da Metro no filme, mandei-o para minha família e meus amigos, pois eu vejo filmes com esse signo desde criança. Não fazia ideia dessa conexão entre a Amazon e a MGM quando o projeto começou, mas eles financiaram a produção na Argentina. Sem as plataformas, não conseguiríamos.